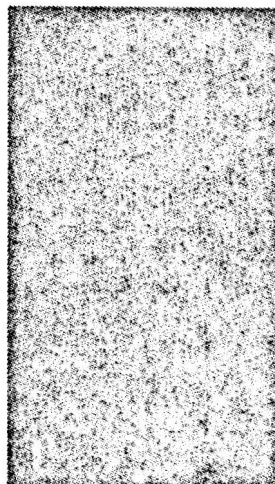


Jefferson Carrielo do Carmo ()*

***Crise, revolução e educação
em L'Ordine Nuovo***

(*) Mestrando em Ciências Sociais Aplicadas à Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Professor de Antropologia Cultural, História das Idéias Políticas e Sociais e História da Ásia Contemporânea da Universidade de Sorocaba - UNISO.



RESUMO

O artigo pretende ser uma contribuição apenas introdutória à compreensão de alguns dos aspectos do pensamento educacional do filósofo italiano Antonio Gramsci, divulgado no semanário *L'Ordine Nuovo*. Assim, o texto não tem maiores pretensões, senão analisar alguns documentos escritos para o referido jornal, juntamente com pequenas observações no âmbito sócio-político e educacional, no período de 1919 a 1920.

ABSTRACT

This article is intended to be just an introductory contribution to understanding some aspects of the educational thoughts of the Italian philosopher Antonio Gramsci, published in the weekly paper L'Ordine Nuovo. Therefore, this text aims at analyzing a few documents written for the mentioned paper, together with some observations on the socio-political and educational fields between 1919 and 1920.

“Para Gramsci, la escuela no es solamente un órgano de instrucción y educación, sino que debe presentarse como vehículo de enlace entre el mundo del trabajo y la construcción del nuevo humanismo y la nueva cultura”.

Franco Lombardi.

Apresentação

O objetivo deste texto é averiguar alguns dados conjunturais no período do semanário do “L’Ordine Nuovo”, entre 1919 e 1920, no que se refere ao problema da produção e transmissão do conhecimento, visando a compreender a construção social do conhecimento da classe operária.¹ Entendemos ser relevante debater esses aspectos, porque acreditamos que, levando em consideração **como, para que e para quem** está sendo formada uma teoria, numa determinada situação, poderemos melhor compreender um determinado pensamento. Na maioria das vezes não nos preocupamos com o **Sitz im Leben**, ou seja, o lugar vivencial do pensador, os acontecimentos sociais, políticos e econômicos que marcam a construção da sua teoria. Tal fato, em nosso entender, debilita a compreensão da teoria dentro de uma realidade social, inibindo e levando-nos ao exame reduzido do saber.

¹ Entendemos que Gramsci irá resgatar as várias perspectivas pedagógicas divergentes no encaminhamento da classe operária por uma educação integral. Segundo as palavras de Andreucci, já existiam, em vários países da Europa, organizações escolares mantidas pelo movimento operário desde 1886. Nessa construção, ainda que diferenciada, para encaminhar o trabalhador para uma educação integral, surgem os anarquistas. Sua pedagogia tinha por objetivo desenvolver no educando todas as possibilidades mentais, físicas, intelectuais ou afetivas e integrá-lo em todas as atividades sociais contidas, tendo como fim a revolução social. Sob a ótica marxista (Marx e Engels nunca escreveram um texto específico sobre escola e educação, porém encontramos, desde os **Manuscritos até O Capital**, questões separadas sobre o assunto), temos algumas considerações sobre a questão escola, que tem seu eixo no trabalho produtivo e na divisão social, no âmbito da fábrica. Ao constatar esses fatos e suas conseqüências para o trabalhador, propõe uma educação politécnica, isto é, a combinação entre trabalho produtivo e educação mental, exercícios corporais e aprendizagem politécnica. Para um estudo mais detalhado sobre as várias pedagogias que visam a uma educação integral, embora divergentes, consultar os seguintes autores: TOMASI, RAYNAUD e AMBAUVES, DOMMANGET e MARX e ENGELS.

1. *Considerações iniciais*

Em 1914, começou o estado de guerra para os italianos², que durou quatro anos e acarretou para o país sérios problemas na ordem social, política e econômica. Os vários partidos existentes eram contrários a essa guerra por motivos diferentes.

Os liberais, por razões de avaliação prática da consistência do sistema político europeu e da duração da guerra, acreditavam que: primeiro, com a dissolução do império austríaco, haveria uma profunda redefinição da geografia política do continente, da qual o Estado italiano poderia beneficiar-se; segundo, a guerra seria longa e dispendiosa, e o Estado italiano não estava preparado para arcar com os gastos, nem sequer de um conflito de curta duração. Para o posicionamento dos socialistas para os quais sobressaíam as motivações ideológicas, a guerra seria um subproduto da competição econômica capitalista e uma “festa” para os empresários da indústria bélica; e, mais realisticamente, defendiam a tese de que seria mais útil à população investir recursos nas infra-estruturas básicas ao invés de entregar a nação ao massacre e às privações da guerra. O neutralismo dos católicos alimentava-se de outras razões, sobretudo duas: uma, digamos geopolítica, pois a Áustria forte seria um dique e baluarte defendendo a Europa do ameaçador Oriente (leia ortodoxos turcos!); e a outra, mais cultural, pretendia a ligação do catolicismo com o mundo camponês tradicionalmente avesso às guerras e às subversões da ordem estabelecidas³.

² Para uma compreensão, embora resumida, do porquê da participação dos italianos na guerra e suas conseqüências para a Itália, consultar: SALVATORELLI, Luigi. *Sommario della Storia d'Itália*, p. 493-504.

³ STACCONE, Guiseppe. *Gramsci - 100 anos: Revolução e Política*, p. 17-18.

Nesse período, houve novas possibilidades na grande indústria⁴, que forçaram o ritmo de trabalho e uma maior contratação de trabalhadores para as fábricas. Gramsci esclarece que, na cidade de Turim, houve homogeneização entre a indústria metalúrgica e a automobilística, que proporcionou o aumento considerável de operários.⁵

Em sua compreensão, essas novas possibilidades na grande indústria centralizaram o processo produtivo na cidade de Turim, o que aprofundou, acentuadamente, os conflitos de classe entre proprietários dos meios de produção e proletários, possibilitando um dos caminhos para o ato revolucionário através dos sindicatos e comitês de fábricas, que eram bem estruturados.⁶

Mas, também, com a guerra, nesse contexto, o aparelho econômico toma novas direções. Transforma-se em um fenômeno simplesmente financeiro com a intervenção mais aparente do Estado. As fábricas passaram a unir-se com os bancos e o Estado veio a ser o único proprietário do trabalho, assumindo a função administrativa, principalmente no setor produtivo.⁷

Um fato relevante em relação ao aspecto financeiro do pós-guerra foi a unificação dos interesses industriais feita pelo banco. Sendo o Estado o grande organizador desses interesses, tornou-se a máquina da acumulação do capital e o controlador do capital industrial e financeiro.⁸

⁴Sobre essas novas possibilidades na grande indústria esclarece Sarti: “La Primera Guerra Mundial abría nuevas posibilidades económicas y políticas a la gran industria. Pese a que ni la ASIA ni la Confederación Italiana de la Industria instaban al gobierno a que abandonase su inicial neutralidad en el conflicto, había grupos industriales, como los productores de acero, los fabricantes de armamento y los constructores de barcos que, individualmente, eran intervencionistas. La guerra brindaba oportunidades que todos los industriales se sentían prestos a aprovechar. Manufacturas y finanzas se acercaron más aún de lo que estaban antes de la guerra para formar gigantescas sociedades, necesarias para sufragar los gastos de la guerra. Industriales y funcionarios del gobierno se sentaron a una misma mesa, aprendiendo a estimar las ventajas del planeamiento y la cooperación económica. Nunca hasta entonces los industriales se habían acercado tanto al foco del poder político ni habían estado tan implicados en el proceso de la toma de decisiones”. SARTI, Roland. **Facismo y burguesia industrial**, p. 27.

⁵ GRAMSCI, A.. **Obras escolhidas**, p. 248.

⁶ Idem., p. 249

⁷ BUCI-GLUCKSMANN, Christinne. **Gramsci et L'État**, p. 166-168.

⁸ Idem., p. 185

Mas, foram os anos de 1919 e 1920 marcados por Gramsci como sendo os anos da possível evolução socialista. Houve crescimento nos vários segmentos sociais ligados às indústrias, como também um início de organização política de camponeses e trabalhadores sem propriedades, que vieram pedir a reforma agrária. Muitas greves estouraram, abalando a economia do país⁹. Houve uma repercussão considerável para os industriais, e a classe média aliou-se ao jovem movimento fascista que, no período de 1919 a 1922, se fortaleceu notavelmente.

Baseado nesses fatos e noutros, Gramsci conclui que é em Turim que está presente o germe dos conselhos de fábrica e, também, a vertente para o exercício revolucionário.

2. Democracia operária e conquista do Estado

Como observamos acima, é nos anos de 1919 e 1920 que Gramsci contemplou a revolução; isto aparece nos acontecimentos históricos, analisados por ele. Nesse mesmo período escreve o famoso discurso “*Democracia Operária*”¹⁰, onde visa a articular pensamento e ação entre os operários e, por outro lado, desencadear um processo de educação recíproca entre os trabalhadores e a nova sociedade emergente com a finalidade de desarticular o Estado burguês.¹¹

Esse mesmo texto enfatiza a necessidade de articular as comissões internas. Eram elas o ponto inicial do processo revolucionário, pois estavam localizadas na fábrica, lugar que era o exercício, por excelência, da dominação burguesa sobre a classe operária.¹²

A constatação irá motivar Gramsci para construir a democracia no chão da fábrica, pois através do fortalecimento das instituições de tipo proletário é que

⁹ Idem, p. 247-248.

¹⁰ O discurso foi escrito em 21/06/1919. No dizer de Valentino Gerratana “Con l’articolo *Democrazia Operaria* (...). Gramsci imposta il problema delle commissioni interne di fabbrica come ‘Centri divita proletaria’ e futuri “organi del potere proletario”. Traduce sistematicamente dalla stampa operaria internazionale (russa, francese, inglese, ecc.) documenti e testimonianze sulla vita di fabbrica e sui consigli operai”. p. XLVIII.

¹¹ GRAMSCI, A. *Antologia*, p. 59.

¹² GRAMSCI, idem, p. 60.

seria efetivada a nova sociedade. Ao citar Gramsci, Dias esclarece que toda a problemática do controle operário aparece como elemento fundamental para a efetivação do poder operário, isto porque a classe, através das grandes concentrações humanas, finalizou a concorrência no mercado da força de trabalho, que era monopólio exclusivo dos industriais.¹³

Na concepção de Gramsci, a “*Democracia Operária*” não passaria pelo parlamento, nem tampouco pela representação parlamentar, mas pelas instituições do tipo proletário, tais como conselhos de bairro, que teriam como finalidade aglutinar todos os trabalhadores do bairro ampliar-se em Comissões Urbanas, com objetivos de formar uma teia nacional de representação e organização maior.¹⁴

A democracia operária significava envolver os trabalhadores nas decisões tomadas pelos seus líderes, os “comisários” eleitos pelos membros dos Conselhos, cuja autoridade provinha dos que os haviam eleito mas sujeita a cancelamento caso estivessem em minoria. Implícita em toda essa estrutura estava a idéia - que mais tarde Gramsci tornaria uma parte central de sua filosofia política - de que, através da educação e do esclarecimento, é possível persuadir as pessoas a aceitar espontaneamente decisões e idéias formuladas por seus líderes.¹⁵

Nesse sentido, “*Democracia Operária*” visava a organizar e aglomerar todos os representantes de todos os grupos para luta e não para limitá-los a algum programa partidário, mas exclusivamente para a classe operária de forma democrática. O que Gramsci estava viabilizando era a nova sociedade através da construção do Estado Operário.¹⁶

Porém, não podemos nos esquecer de que a experiência de um governo operário já tem início em 1906, quando as famosas “*Commissioni Interne di Fabbrica*” têm um papel reivindicador junto aos proprietários.¹⁷ Mas, para Gramsci elas são limitadas e pouco representativas no que tange à democracia

¹³ Apud DIAS, Edmundo Fernandes, **Democracia operária**, vol. II, p. 53.

¹⁴ GRAMSCI, A.. **Antologia**. Op. cit., p. 61.

¹⁵ JOLL, James. **As idéias de Gramsci**, p. 32.

¹⁶ GRAMSCI, A. **Antologia**, p. 62.

¹⁷ BUCI-GLUCKSMANN, Op. cit., p. 145

operária. Observa que nas comissões internas há o germe para o início da tomada de poder do Estado burguês, embora visse suas limitações para tanto.¹⁸ A função das comissões internas é somente de reivindicação, é necessário que elas exerçam o poder político, através de sua transformação em nível econômico, isto é, transformando-se em associações produtoras e, em nível político, ou seja, como organismo de poder.¹⁹ Embora fazendo essa constatação, para Gramsci era necessário articular as comissões internas, pois elas são o germe da democracia operária. Elas são o princípio do processo revolucionário, por estarem localizadas na fábrica, lugar por excelência da dominação burguesa sobre a classe operária.²⁰

3. Programa de *L'Ordine Nuovo*

A canalização para esse ato revolucionário começa a ter o seu princípio em abril de 1919, quando é fundado o *L'Ordine Nuovo*, por quatro personagens relevantes, no cenário político italiano do pós-guerra. São eles: Gramsci, Terracini, Togliatti e Tasca. *L'Ordine Nuovo*, um jornal de resenha e de cultura socialista semanal, tinha como primeira finalidade difundir o socialismo, a fim de preparar ideologicamente²¹ o trabalhador para poder criar condições de transformações sociais. O jornal proporcionou uma relação dialética educadora entre os operários e a comissão interna, já que o veículo de troca entre eles se fazia através do semanário.²² A partir desse encontro, esclarece Gramsci:

...*L'Ordine Nuovo* não eram frias arquiteturas intelectuais nascidas da nossa discussão com os operários mais preparados.

¹⁸ GRAMSCI, A. *Antologia.*, p. 61.

¹⁹ ORTAGGI, Simonetta. Dalle Commissioni interne al Consigli di Fabbrica. In *Italia durante la Prima Guerra Mondiale*, p. 212-229. O artigo esclarece o desenvolvimento das comissões internas, levando em consideração o Estado e a indústria bélica.

²⁰ GRAMSCI, A. *Antologia.*, p. 61.

²¹ Para a compreensão do termo ideologia, em Gramsci, consultar o excelente texto de Miriam Limoeiro Cardoso: "A ideologia como problema teórico" in *Ideologia do Desenvolvimento - Brasil : JK - JQ*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Para introduzir seu estudo da ideologia do desenvolvimento no cenário do Estado brasileiro, a autora discute com muita propriedade o conceito de ideologia a partir de Althusser e Gramsci.

²² Idem, p. 98.

Elaborava sentimentos, vontades, paixões reais da classe operária de Turim, que tinham sido por nós ensaiadas e provocadas, porque os artigos de *L'Ordine Nuovo* eram quase um “atuar” em acontecimentos reais, vistos como momentos de um processo de íntima libertação e expressão de si por parte da classe operária. Eis por que os operários gostaram de *L'Ordine Nuovo* e eis como se “formou” a idéia de *L'Ordine Nuovo*.²³

L'Ordine Nuovo, de 12/07/1919, traz um texto: “*A Conquista do Estado*”²⁴, extremamente contundente, no qual Gramsci visa a elaborar um projeto político²⁵ que fundamenta a ação revolucionária de ruptura com o Estado burguês. Nesse texto, Gramsci não só denuncia as potencialidades teóricas fundadoras do Estado burguês, como também visa a apontar para o novo Estado apoiado nas várias instituições proletárias. Entende que é necessária a tomada de consciência desse projeto pelos trabalhadores, tendo em vista que o individualismo, juntamente com a competição, não viabiliza a tomada do poder. A finalidade dessa tomada de consciência é mudar o *habitus* e a psicologia do operário e camponês, para que comecem a pensar e agir solidariamente, criando um alicerce que venha possibilitar a conquista do Estado.²⁶

Há insistência de Gramsci na solidariedade entre os operários e camponeses. Essa sua constatação esclarece que tanto os partidos como, também, os sindicatos são incapazes de anunciar uma postura revolucionária contra o Estado democrático-parlamentar.²⁷ Isto porque a natureza do sindicato é de concorrência, não sendo, pois, comunista.²⁸

²³ Idem, p. 100.

²⁴ “La fórmula “conquista del Estado” deve ser entendida en este sentido: creación de un nuevo tipo de estado, originado en la experiencia asociativa de la clase proletaria, y substitución por éste del estado democrático-parlamentário”.GRAMSCI “La conquista del Estado” in *Escritos Políticos* (1917-1933), p. 95.

²⁵ A elaboração do projeto político de Gramsci, como já aludimos, teve suas premissas na “Democracia Operária”, mas é com a nova fase do *L'Ordine Nuovo*, que este projeto fica mais consistente. Nessa nova fase, há uma ruptura entre Tasca e os demais fundadores do jornal. Tasca não aceita o projeto político do Semanário. Para uma compreensão mais detalhada dessa ruptura consultar GRAMSCI, A. *Antologia*, p. 100-105.

²⁶ GRAMSCI, A. *Escritos Políticos* (1917-1933), p. 92.

²⁷ Idem., pp. 92-93.

²⁸ Idem., pp. 92-93

Através das circunstâncias nascidas da crise do pós-guerra há uma retomada dos “comunistas marxistas”²⁹ no empreendimento de uma nova investida revolucionária. Não podemos nos esquecer, porém, de que para Gramsci a crise, no que se refere ao seu aspecto estrutural e orgânico,³⁰ proporcionou elaborações para a prática revolucionária junto aos trabalhadores, porque, no período de *L'Ordine Nuovo*, o ato revolucionário para Gramsci consiste em “*destruir todo aparelho de poder econômico e político, em que as forças produtivas se encontravam reprimidas pela opressão (...) em destruir a máquina do Estado burguês e em constituir um tipo de Estado nos esquemas do qual as forças produtivas libertadas encontram a forma adequada ao desenvolvimento posterior, a sua expansão posterior, na organização do qual encontram a defesa e as armas necessárias e suficientes para suprimir os adversários*”.³¹ Com a preocupação em conquistar o Estado burguês, Gramsci caminha por outra direção, contrária à estratégia dos partidos socialistas que aceitam a convivência com a democracia burguesa.³² Coggiola³³, ao citar Massimo

²⁹ “La concentración capitalista, determinada por el modo de producción, origina una correspondiente concentración de masas humanas trabajadoras. En este hecho hay que buscar el origen de todas las tesis revolucionarias del marxismo, hay que buscar las condiciones de la nueva modalidad proletaria, del nuevo orden comunista destinado a sustituir la modalidad burguesa, el desorden capitalista generado en la libre competencia y en la lucha de clases”. GRAMSCI, A. *Antologia*, op. cit., p. 92.

³⁰ Crise estrutural, segundo Gramsci, é um fenômeno interno do bloco histórico, isto é, o conflito de poder está entre os grupos dominantes e seus auxiliares. Já a crise orgânica é uma “desagregação do bloco histórico, no sentido em que os intelectuais, encarregados de fazer funcionar o vínculo estrutura-superestrutura, se afastam da classe a que estavam organicamente ligados e deixam de permitir à sociedade o exercício da sua função hegemônica sobre o conjunto da sociedade: “A classe dominante perdeu o consenso, isto é, deixou de ser “dirigente” para se tornar “dominante”, detentora da pura força coerciva”. GRISONI e MAGGIORI, *Ler Gramsci*, p. 223.

³¹ Idem., p. 324.

³² BUCI-GLUCKSMANN, op. cit., p. 145-146.

³³ COGGIOLA, Osvaldo. Bolchevismo, Gramsci, Conselhos. In *O Outro Gramsci*, p. 202-203.

Salvadori, esclarece-nos que Gramsci irá buscar o seu paradigma revolucionário nos soviets russos.³⁴

Já na compreensão de Buci-Gluckmann,³⁵ o modelo revolucionário de L'Ordine Nuovo não deveria estar limitado apenas aos textos de Lenin, mas também ao movimento alemão e britânico dos Shop Stewards Committees.³⁶

Mas, o que é importante para nós neste momento, é que o programa do L'Ordine Nuovo visava a denunciar o Estado burguês e sua ação contra o operariado italiano, tanto da indústria como do campo e, ao mesmo tempo, criar uma consciência revolucionária, através das várias instituições proletárias, mas principalmente, a do conselho de fábrica.³⁷

³⁴ É importante ressaltar que esse modelo já está presente em "Democracia Operária". "La dictadura del proletariado en el confluyan las experiencias institucionales de la clase obrera, en el cual la vida social de la clase obrera y campesina se convierta en sistema geral y fuertemente organizado. Ese Estado no se improvisa: los comunistas bolcheviques rusos trabajaron durante ocho meses para difundir y concretar la consigna: "Todo el poder a los soviets", y los soviets eran ya conocidos por los obreros rusos desde 1905. Los comunistas italianos tienen quer convertir en tesoro la experiencia rusa, economizar tiempo y trabajo: la obra de reconstrucción exigirá ya de per sí tanto tiempo y tanto trabajo que se le puede dedicar cada dia y cada acto". GRAMSCI, A. *Antologia*, p. 62.

³⁵ BUCI-GLUCKSMANN, op. cit., p. 160-161.

³⁶ Para um estudo comparativo e aprofundado sobre o modelo revolucionário de Gramsci consultar: COGGIOLA, O., op. cit., p. 193-206.

³⁷ Em *L'Ordine Nuovo*, Gramsci visa a despir o conceito de revolução de todo conteúdo messiânico. Para tanto, faz uma análise científica das condições da classe operária de Turim e sua relação com a burguesia, tendo em vista apontar algumas diretrizes para emancipação da classe operária. Para Gramsci a classe operária torna-se revolucionária, por encontrar, também, um novo paradigma para este exercício, a fábrica. Nesse sentido, coloca em evidência dois elementos fundamentais para entender esse novo momento conjuntural, como também teórico, do filósofo sardo, como diz Macciotta: "Gramsci pone in luce due elementi; da un lato la novità del sistema che dovrà nascera dalla rivoluzione e dall'altro la sua continuità con il passato. La consapevolezza teorica della novità del sistema sociale fondato sue proletariato gli permette di differenziarsi dalle correnti reformistiche del socialismo italiano, ma la certezza che il processo rivoluzionario è connesso allo sviluppo delle condizioni storiche di una determinata società lo porta ad assumere una posizione decisamente critica verso il massimalismo tradizionale". MACCIOTTA, Giorgio. *Rivoluzione e Classe Operaia negli Scritti sul L'Ordine Nuovo*. in: *Gramsci e la cultura contemporanea*, p. 173-174.

4. Revolução e conselho de fábrica

Parece-me que a inserção dos conselhos de fábrica nas indústrias italianas, como agente revolucionário, se dá através de várias constatações feitas pelo próprio filósofo sardo.

Uma das primeiras constatações está em seu artigo “Sindicati e Consiglie”, em 11/10/1919, quando se discute a Crise Constitucional da Confederação dos Trabalhadores, ligada à crise do Estado Democrático. O que Gramsci está fazendo, nesse artigo, é uma análise de conjuntura que irá permitir-lhe entender, entre outras coisas, que “*A crise é a crise do poder e da soberania*”.³⁸

Na sua análise chega, também, à conclusão de que os líderes, ao organizarem o aparato sindical juntamente com a classe operária, não percebem essa crise, porque ambos não estão enquadrados na sua real estrutura histórica e, também, estão adaptados a esta. Entende, ainda, que os Sindicatos dos Profissionais, as Câmaras do Trabalho, as Federações Industriais e a Confederação Geral do Trabalho são tipos de organização proletária específica do período da história dominada pelo capital, sendo parte integrante da sociedade capitalista.³⁹

Tal constatação lhe permite delinear uma nova postura revolucionária, isto é, o derrubamento dessa ordem social estabelecida, em crise, através da instauração da ditadura do proletariado que será, no seu entender, encarnada pelos conselhos de fábrica.⁴⁰

Mas, em que consiste esse ato revolucionário? É o próprio comunista sardo quem irá responder em seu artigo “Il Consiglio de Fabbrica”, de 05/06/1920.

... ocorre o ato revolucionário, que consiste num esforço direto para quebrar violentamente esses esquemas e destruir todo aparelho de poder, no qual as forças produtivas revolucionárias estavam contidas opressivamente. Consiste num esforço direto de quebrar a máquina do Estado burguês e constituir um tipo de Estado nos esquemas onde as forças produtivas liberadas encontrem a forma adequada para o seu desenvolvimento e ulterior expansão, em cuja organização esse desenvolvimento encontre proteção nas armas necessárias e suficientes para suprimir os seus adversários.⁴¹

³⁸ GRAMSCI, A.. *Scritti Politici*, p. 34.

³⁹ Idem, p. 34-35

⁴⁰ Idem, p. 42.

⁴¹ GRAMSCI, A. “Il Consiglio di Fabbrica”. In *Scritti Politici*, p. 120.

Através de sua análise, os conselhos passam a ter uma consistência relevante para a tomada do poder, pois passam a unir representantes de todos os grupos para a luta.⁴²

O próprio Gramsci irá chamar a atenção para essa aglutinação dos vários grupos, via Conselhos de Fábrica, pois ele está, também, baseado na profissão, que se diferencia pela profissão e pela seção.⁴³ A unidade na fábrica, por seção, tem um papel fundamental, no processo, pois o que Gramsci está propondo é uma novidade, ou seja, que a produção parta da fábrica para que possa, paulatinamente, atingir o campo das superestruturas políticas, ou seja, que venha encarnar a ditadura proletária em suas engrenagens gerais.⁴⁴

Entendia, ainda, que a força revolucionária dos Conselhos de Fábrica estava sendo constituída através de uma nova compreensão das relações sociais e de produção dos trabalhadores da indústria e do campo. É nesses trabalhadores que está a capacidade de controlar a produção e a comercialização. Conseqüentemente, substituindo a burguesia, no que se refere à economia e à direção da sociedade.⁴⁵

Apenas os Conselhos de Fábrica, em sua fase inicial, seriam capazes de realizar uma contra-ofensiva, para fundar um novo tipo de Estado, o socialista, pois nem os partidos políticos e sindicatos seriam, no momento, capazes de ser instrumento para fundar o tal Estado socialista.⁴⁶

Em outro texto, “Sindicalismo e Conselhos”, de 08/11/1919, enfatiza a falência do sindicato. Ao fazer tal constatação, Gramsci não perde de vista a importância do sindicato como agente reivindicador da classe operária, até porque enfatiza a legalidade industrial como conquistada e enormes ganhos pelos operários. Porém, esta não é definitiva,⁴⁷ pois “*o conselho é a negação da legalidade industrial*”.⁴⁸

Na compreensão do jovem sardo, só os conselhos de fábrica poderiam destruir a legalidade industrial burguesa, para construir uma nova, transformando o

⁴² COGGIOLA, O., op. cit., p. 198-199.

⁴³ GRAMSCI, A. - **Sindicati e Consigli**, p. 36.

⁴⁴ Idem, p. 37.

⁴⁵ COGGIOLA, O., Op. cit., pp. 204-205.

⁴⁶ GRAMSCI, A. , **Sindicati e Consigli**, p. 125.

⁴⁷ Scritti Politici, p. 126.

⁴⁸ Idem., p. 126.

assalariado em produtor, no que se refere aos aspectos econômico, psicológico, cultural e político.

No dizer de Grisoni e Maggiori:

... para Gramsci, os conselhos de fábrica, representam não só a célula embrionária do Estado Proletário mas também, permitem ao trabalhador que tome consciência do seu ser, se compreenda como produtor e perceba a complexidade do sistema de organização política do Estado. Os conselhos educam política e ideologicamente; por meio deles, o operário torna-se o gestor da unidade de produção de fábrica e o gestor da unidade de poder do Estado. Nesse sentido, o “movimento dos Conselhos” foi autêntico movimento revolucionário que, além de ter derrubado a legalidade burguesa, ao criar um poder dentro do poder, um Estado dentro do Estado - porque, ao contrário da interpretação clássica, não foram um poder justaposto, isto é, um poder operário que se desenvolvia ao lado de poder burguês, mas um poder operário que subverteu, de dentro, o poder burguês, revolucionava as “mentalidades”, derrubava os tabus tradicionais da “incapacidade proletária, sendo a classe operária comumente considerada como incapaz de tomar nas mãos o seu próprio destino e assumir a direção do Estado e, portanto, produzia, no fim de contas, ao mesmo tempo que uma revolução de caráter político uma outra de caráter ideológico, uma revolução cultural...⁴⁹

Em resumo, podemos dizer que Gramsci foi original no que se refere à Revolução, via Conselhos de Fábrica. A sua contribuição está no fato de trazer novos elementos para a análise dos conselhos. Enfatizou a hegemonia latente no mundo da produção; daí a necessidade de controlá-la. Esta não tem só uma dimensão cultural, ela é também econômica. Nesse sentido, enfatiza a necessidade de se construir uma “vontade coletiva”, através da auto-organização dos trabalhadores de fábricas, via Conselhos. Dizia que a hegemonia nascia na fábrica. Portanto, era na fábrica que deveria começar a construir a sociedade socialista.

⁴⁹ GRISONI, D. e MAGGIORI, R. , *Ler Gramsci*, p. 139-140.

5. *L'Ordine Nuovo: uma revista, uma escola*

Na ótica de Gramsci, o período do pós-guerra permitiu um avanço revolucionário e proletário⁵⁰, porém é necessária uma visão clara da situação que o Partido Socialista Italiano de então não tinha.

Já em "*Democracia Operária*", Gramsci aponta para a relevância da direção política, pois contempla a necessidade de dominar as internas forças sociais que a guerra desencadeou:

Hoy se impone un problema acuciante a todo socialista que tenga un sentido vivo de la responsabilidad histórica que recae sobre la clase trabajadora y sobre el partido que representa la consciencia critica y activa de esa clase.

? Cómo dominar las inmensas fuerzas desencadenadas por la guerra? Cómo disciplinarlas y darles una forma política que contenga en si la virtude de desarrollarse normalmente, de integrarse continuamente hasta convertirse en armazón del Estado socialista en el cual se encarnará la dictadura del proletariado?

? Cómo soldar el presente con el porvenir, satisfaciendo las necesidades urgentes del presente y trabajando útilmente para crear y "anticipar" el porvenir?⁵¹

Essa constatação permite a Gramsci insistir na integração entre teoria e prática no mundo do trabalho industrial moderno, ou seja, na fábrica.⁵² É importan-

⁵⁰ O avanço revolucionário e proletário está ligado às eleições de novembro de 1919, quando os partidos socialista e popular (católicos) conseguiram um grande número de eleitos, somando um total de 256 deputados, sendo 156 socialistas e 100 católicos. Essas eleições determinaram o fim do predomínio dos partidos liberais, os quais representavam as elites econômicas. Tal acontecimento era entendido por Gramsci como sendo as novas possibilidades para o processo revolucionário.

⁵¹ GRAMSCI, A. *Antologia*, p. 58-59.

⁵² "Do ponto de vista teórico-cultural, a primeira grande questão, obviamente, era como integrar teórica e praticamente o mundo do trabalho com um mundo da cultura; a ciência produtiva com uma ciência humanística; a escola profissionalizante com a escola desinteressada. Essa questão devia ser resolvida radicalmente e, para que isso ocorresse, o ponto de partida devia ser único. Gramsci havia aprendido, no estudo dos filósofos da imanência (idealismo), que, se o ponto de partida da epistemologia não fosse único, jamais aquela filosofia se livraria do bipolarismo ou da dicotomia. Esse único ponto de partida, obviamente, era, na concepção gramsciana, o trabalho industrial moderno, a fábrica". NOSELLA, Paolo. *A Escola de Gramsci*, p. 31-32.

te compreender esse novo fato, à luz dos acontecimentos políticos na Itália⁵³, pois é nesse período que Gramsci irá romper com a Escola da Cultura em função do “enquadramento” com a experiência russa. Esclarece Manacorda:

A revolução russa provoca nestes anos um lento esclarecimento dentro do movimento operário tanto no seu conjunto quanto em relação às consciências individuais. A vida política italiana radicaliza-se cada vez mais; ocorre inicialmente a adesão do partido socialista à Terceira Internacional, depois o movimento dos Conselhos de Fábrica, a ocupação das fábricas, a constituição da fração comunista e, finalmente, o nascimento do Partido Comunista Italiano, com suas primeiras e difíceis opções e suas lutas internas. Gramsci está no centro desses acontecimentos: ele ali está desde 5 de maio de 1919, com o primeiro *L'Ordine Nuovo* (semanal e, a partir de janeiro de 1921, diário) que acompanha o movimento dos Conselhos; ali está, com as incertezas que o impediram, talvez, de intervir com iniciativa autônoma no momento em que surgiu o novo partido; está ali, sobretudo, como anteriormente, com a atividade de organização e promoção cultural: a Escola de Cultura e Propaganda Socialista, criada em novembro de 1919, em torno da revista; o Grupo de Educação Comunista, organizado em agosto de 1920; o Instituto de Cultura Proletária, seção italiana do Proletkult, fundado a 14 de janeiro de 1921. Posteriormente, em maio de 1922, a viagem a Moscou, onde passará a fazer parte da direção executiva da Internacional, afastando-o da Itália por dois anos, precisamente no momento da crise decisiva que levará à tomada do poder pelo fascismo.

Característica deste período é a insistência prática e positiva de Gramsci sobre os temas da organização da cultura, sua passagem da crítica negativa da escola burguesa e da política so-

⁵³ Para verificar e compreender de forma mais datada esses acontecimentos políticos consultar: Gramsci, A. Quaderni de Valentino Gerratana. Para uma compreensão histórica, muito bem fundamentada, consultar as seguintes obras de Paolo Spriano. **Storia del Partito comunista italiano**. Capítulos I, II, III, IV, V e VI e **Storia di Torino operária e socialista**. Da De Amicis a Gramsci. Capítulos XXII, XXIII e XXIV.

cialista à busca de realizações positivas, que o exemplo do socialismo russo sugere e parece tornar concretamente possíveis.⁵⁴

É possível verificar que, nesse período, a postura de Gramsci é marcada por um novo discurso que passa da crítica negativa da escola burguesa a uma nova assimilação das experiências positivas dos russos.⁵⁵

Nasce, nesse momento, no pensamento de Gramsci, aquela nova dimensão internacional que, ainda que não seja quantitativamente predominante em suas obras, é todavia um elemento que não pode ser subestimado, se quisermos compreender corretamente a tendência real de sua busca, sem a imagem tradicional que nos fazem dele. E essa dimensão, por assim dizer, espacial, acarreta também o ampliar-se temporal, através da qual o homem da província, o meridional, o historiador apaixonadamente mergulhado nas tradições, será depois capaz de desenvolver um discurso pedagógico moderno e de indicar perspectivas de futuro.⁵⁶

Ao assumir essa nova experiência, Gramsci dá um novo enfoque à concepção de Escola, que passa pela reformulação do próprio conceito de escola burguesa, a partir da escola Russa. Nessa reformulação há novos dispositivos que estão presentes nessa nova fase. Para Manacorda, há dois momentos: o primeiro está ligado à crítica do programa burguês de escola; o segundo, à preserva-

⁵⁴ MANACORDA, Mario A. La formazione del pensiero pedagogico di Gramsci. In **Gramsci e la cultura contemporanea**, p. 243-244.

⁵⁵ “Se, infatti, la borghesia avesse e perseguisse un suo programma scolastico, la scuola serebbe “una cosa viva”, è invece una scuola di cui la borghesia, “come classe que controlla lo stato”, si disinteressa, lasciandola ai suoi meschini burocrati. Gramsci, che conserva vivo il ricordo della “tediosa esperienza” della scuola tradizionale, rinnova anche in questo periodo le sue critiche, denunciandone il carattere classista, deridendo la funzione assegnata alle istituzioni di cultura per il popolo - le università popolari - che sono dispensatrici di “paccottiglia, di perle false, di fondi di bicchiere”. Idem, p. 245.

⁵⁶ Idem, p. 245.

ção da concepção de “cultura humanística” da escola⁵⁷. Tal humanismo não é literário, erudito ou tradicional, mas um humanismo de “*tipo novo, isto é, de tipo histórico, que tem suas raízes no contexto e nas atividades do homem, que o converte de sujeito passivo para protagonista da história*”..⁵⁸

Nesse momento, Gramsci retoma um novo humanismo na escola, que deve ser um veículo de ligação entre o mundo do trabalho e a construção de um novo homem. Porém, é importante que se saiba que essa nova concepção não tem como finalidade descartar o conhecimento acumulado, mas conformá-lo com os novos valores e exigências da sociedade industrial. Romper com o caráter unilateral próprio da sociedade burguesa, onde o patrimônio cultural (enciclopédico) é propriedade de poucos privilegiados.⁵⁹

Nesse novo humanismo proposto por Gramsci a função da escola é assumir a tarefa educativa que a escola burguesa perdeu, ou seja, desvinculando os valores transmitidos por um trabalho milenar do pensamento (humanismo enciclopédico) da sociedade real, convertendo-os em objetos alheios à vida cotidiana dos homens. Essa constatação permite-lhe preocupar-se em superar a dualidade entre cultura humanística e cultura técnica e está em sintonia com a

⁵⁷ Em seu artigo “Uomini ou Macchine?”, de dezembro de 1916, que contém propostas sobre programas de ensino profissional, Gramsci já está convencido dessa nova concepção de “cultura humanística” que, nesse momento, já estava relacionada com a emergência do industrialismo italiano. Sendo assim, há uma nova concepção de escola que tem como cerne o proletariado. “Al proletariado è necessaria una scuola disinteressata. Una scuola in cui sia data al fanciullo la possibilità di formarsi, di diventare uono, di acquistare quei criteri generali che servono allo scolvimento del carattere. Una scuola umanistica, insoma, come la intendevano gei antichi e i più recenti uomini de Rinascimento (...). La scuola professionale non deve diventare una incubatrice di piccoli mostri aridamente instruiti per un mestiere, senza idee generali, senza cultura generale, senza anima, ma solo dall’occhio infallibile e dalla manoferma. Anche attraverso la cultura professionale puo farsi scaturire, dal fanciullo l’uomo. Purché essa sia cultura educativa e non solo informativa, o non solo pratica manuale”. GRAMSCI, A. Uomini o Macchine? In Cronache Torinense, p. 671.

⁵⁸ LOMBARDI, Franco. **Las ideas pedagógicas de Gramsci**, p. 69-70.

⁵⁹ Idem., p. 70 - apud.

emergência da nova sociedade com base industrial⁶⁰ que, na sua compreensão, proporciona, também, um novo tipo de intelectual.⁶¹

Embora se preocupe com uma nova cultura técnica, não perde de vista a importância dos valores humanísticos que só serão adquiridos através da superação da diferença entre trabalho intelectual e trabalho manual,⁶² presente na concepção burguesa de escola.

Nesse período, a cultura estaria passando a ter um significado bastante amplo, ou seja, não é um simples saber enciclopédico.⁶³ O conteúdo dessa cultura

⁶⁰ Sobre essa nova sociedade industrial consultar o excelente artigo: Americanismo e fordismo. In **Quaderni del Carcere**, Quaderno, 22, p. 2137-2181. Há tradução em português, pela editora Civilização Brasileira.

⁶¹ “Neste sentido trabalhou o semanário *L'Ordine Nuovo*, visando a desenvolver certas formas de novo intelectualismo e a determinar seus novos conceitos; e essa não foi uma das razões menores de seu êxito, pois uma tal colocação correspondida a aspirações latentes e era adequada ao desenvolvimento das formas reais de vida. O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor permanente”, já que não apenas orador puro e superior, todavia, ao espírito matemático abstrato; da técnica-trabalho, eleva-se à técnica-ciência e à concepção humanística histórica, sem a qual se permanece “especialista” e não se chega a “dirigente”(especialista mais político). GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da Cultura**, p. 8.

⁶² Gramsci irá trabalhar essa questão de forma mais consistente nos **Cadernos do cárcere**, principalmente número 12, quando atribuía essa superação através da Escola Unitária e o trabalho como princípio educativo. Porém, no período do *L'Ordine Nuovo*, já aparecem elementos para entendermos essa superação, através da própria proposta do semanário.

⁶³ Em 29/01/196, Gramsci escreveu um artigo “Socialismo y Cultura”, quando esclarece as diretrizes do que vem a ser a concepção de cultura para o socialismo, pois essa mesma concepção irá nortear todo o seu pensamento, tanto no *L'Ordine Nuovo*, como também nos **Cadernos do cárcere**. “Hay que perder la costumbre y dejar de concebir la cultura como saber enciclopédico en el cual el hombre no se contempla más que bajo la forma de un recipiente que há que rellenar y apuntalar con datos empíricos, con hechos en bruto e inconexos que el tendrá luego que encasillarse en el cerebro como en las columnas de un diccionario para poder contestar, en cada ocasión, a los estímulos varios del mundo externo.

deve ser buscado, na compreensão de Gramsci, fora da escola burguesa e da estrutura do Estado burguês, nas associações livres de estilos dos soviets de cultura proletária.

Dos novos conteúdos que estariam em gestação, o mais significativo para os nossos propósitos é o que diz respeito à fábrica como autogestão para a ditadura do proletariado, pois é nela que se encontra todo o processo de saber para a efetivação da tomada do poder. Daí dizer Gramsci:

É preciso estudar a organização da fábrica como instrumento de produção; temos que dedicar toda nossa atenção aos sistemas capitalistas de produção e de organização e temos que trabalhar com o intuito de fazer convergir a atenção da classe operária e do Partido sobre esse assunto.⁶⁴

Como já assinalamos anteriormente, a fábrica é, nesse período, o centro da atenção de Gramsci, pois é nela que está o germe do futuro Estado operário, na medida em que é a célula dos Conselhos de Fábrica. Esse jeito de ver e entender a fábrica permite a Gramsci colocar o problema educativo, não só no prisma da crítica, mas como um problema técnico e político.⁶⁵ Essa compreensão tem o

esa forma de cultura es verdaderamente dañina, especialmente para el proletariado. Sólo sirve para producir desorientados, gente que se cree superior al resto de la humanidad porque ha amontonado en la memoria cierta cantidad de datos y fechas que desgrana en cada ocasión para levantar una barrera entre si mismo y los demás (...). La cultura es cosa muy distinta. Es organización, disciplina del yo interior, apoderamiento de la personalidad propia, conquista de superior conciencia por la cual se llega a comprender el valor histórico que uno tiene, su función en la vida, sus derechos y sus deberes". GRAMSCI, A. *Antologia*, p. 15.

⁶⁴ Apud STACCONE, G., op. cit., 27.

⁶⁵ O sentido técnico-político do ato educativo, na fábrica, que está no Ordine Nuovo, focaliza uma dimensão dialética do trabalhador, não no sentido de uma "mecanização" de sua tarefa, mas dando-lhe uma nova dimensão e capacidade. "Quando più il proletariato si specializza in un gesto professionale, tanto più sente... di essere la cellula di un corpo specializzato,... tanto più sente la necessità che tutto il mondo sia come una sola fabbrica, ... la necessità che l'ordine della fabbrica sia proiettato nel sistema dei rapporti che lega una fabbrica all'alta, una città a un'alta, una nazione a un'alta nazione". E ancora "nuovendo da questa cellula, a fabbrica, l'operario assurge... fino alla nazione...; dalla fabbrica alla nazione, al monde". Apud MONACORDA, M., op.cit., p. 249-250.

seu ápice, quando Gramsci faz a relação entre escola e trabalho, pautado nos Conselhos de Fábrica.

No Estado dos Conselhos a escola representará uma das mais importantes e essenciais atividades públicas. (...). Pretendemos suscitar uma psicologia de construtores, de companheiros quer idealmente organizados no Estado dos Conselhos, quer idealmente laboriosos e ativos na criação de todos os organismos da nova vida social.⁶⁶

A relação trabalho-escola, nessa perspectiva, deve abranger todos os aspectos do saber humano, porém esta relação não é uma simples experiência de fazer uma horta nos fundos da escola nem tampouco adaptá-la. Para que se concretize a autêntica escola do trabalho, afirma Nosella:

O trabalho moderno organicamente se une à escola quando consegue inspirar neste seu espírito de laboriosidade, seu método disciplinar produtivo e de precisão, sua ética de solidariedade universal com os interesses e objetivos de todos, sua lógica produtiva de organização de muitos para um só fim. Esse fim, obviamente, deverá ser diferente, pois escolas produzem algo diferente das fábricas, como aliás também estas não produzem todas as mesmas coisas. A escola produz fundamentalmente trabalho intelectual; a fábrica, trabalho material. Ou seja, a organicidade entre fábrica e escola ocorre (deve ocorrer) em nível de método (no sentido mais profundo) e não em nível de técnicas ou de fim imediato. Em outras palavras, a escola se inspira no trabalho industrial moderno com o seu princípio pedagógico, não certamente deixando de ser escola (nem parcialmente) e sim concretizando-se como uma escola historicamente moderna, isto é, tendencialmente socialista, centrando-se na idéia de atuar a liberdade concreta e universal do homem. E os operários quando vão à escola, não vão para continuar a produzir os mesmos produtos que na fábrica produziam e sim para entender mais profundamente sua fábrica, seu instrumento de trabalho e sua organização produtiva, numa perspectiva his-

⁶⁶ GRAMSCI, A. . *La Formazione Dell'Uomo*, p. 111.

tórica, universal e política. Assim, a escola firma-se como escola e a fábrica firma-se como fábrica. A primeira torna-se “escola-do-trabalho”, enquanto pertence espiritualmente ao mundo do trabalho e pelo trabalho é inspirada e a oficina torna-se oficina de trabalhadores “intelectuais”, porque passou a ser oficina iluminada, humanizada e potenciada pela escola.⁶⁷

Podemos dizer, em resumo, que *L'Ordine Nuovo* inaugura um novo tipo de humanismo, em função da organização social com base no industrialismo, surgido na época, proporcionando uma nova concepção de educação e de escola, onde o que deve prevalecer são os laços de solidariedade universal, fundamentada na fábrica e no trabalho produtivo.⁶⁸

6. Considerações finais

O período do pós-guerra trouxe à tona a crise, a qual possibilitou o amadurecimento da situação revolucionária, que para Gramsci não é abstrata, mas envolve todas as classes sociais e suas contradições no interior da sociedade italiana. O movimento do proletariado desenvolveu uma estratégia que tinha o seu início na sociedade e, ao mesmo tempo, apontava para alternativas de tomada de poder que estava na indústria, via Conselhos de Fábrica. Na estratégia dessa constatação é criado *L'Ordine Nuovo* com a finalidade de difundir a cultura socialista que teria várias funções: educar o proletariado na cultura socialista, denunciar as contradições do Estado burguês democrático e resgatar a concepção da escola-do-trabalho, tendo em vista que é nessa concepção que o

⁶⁷ NOSELLA, P., op. cit., p. 37.

⁶⁸ “La classe lavoratrice è andata (...) sviluppandosi verso un tipo di umanità storicamente originale e nuovo: l'operario di fabbrica, il proletario che ha perduto ogni residuo psicologico delle sue origini contadinesche o artigiane, il proletario che vive la vita della fabbrica, la vita della produzione intensa e metodica, disordinata e caotica, nei rapporti sociali esterni alla fabbrica, nei rapporti politici distribuzione della ricchezza, ma nell'interno della fabbrica, ordinata, precisa, disciplinata, secondo il ritmo delle grandi macchine, secondo il ritmo ad una raffinata ed esatta divisione del lavoro, la più grande macchina della produzione industriale. (...) La classe operaria si è identificata con la fabbrica si è identificata con la produzione: il proletario non può vivere senza lavorare e senza lavorare metodicamente e ordinatamente”. GRAMSCI, A. *La formazione dell'Uomo*, p. 112.

proletariado iria “esclarecer” e “reforçar” sua visão de mundo, ou seja, o mundo do trabalho, pois é nessa vertente que os trabalhadores iriam construir as novas relações, efetivando uma outra concepção de sociedade.⁶⁹

Em relação à escola, no período de *L'Ordine Nuovo*, ela não seria só um organismo de instrução, mas também um veículo de ligação entre o mundo do trabalho e a construção de um novo mundo, uma cultura nova. Ao propor tal ligação, visava a superar a dicotomia entre cultura humanística e cultura técnica, isto é, a superação da divisão social do trabalho.

Nesse sentido, entendemos que Gramsci é atual, pois ainda estamos vivendo a dicotomia entre o trabalho intelectual e o trabalho manual. Daí ser necessário e presente termos uma proposta de escola que contenha também os elementos teóricos desse filósofo sardo. Pois, como esclarece Lombardi: “Gramsci, precisamente con el fin de garantizar la participación activa del educando en la conquista del saber, proyecta la necesidad de incluir, ya desde las clases elementales, el trabajo en la escuela, en cuanto “el concepto y el hecho del trabajo (de la actividad teórico-práctica) es el principio educativo inmanente a la escuela elemental, porque el orden social y estatal (derechos y deberes) es introducido por el trabajo y identificado en el orden natural. El concepto de equilibrio entre orden social y natural en el fundamento del trabajo, de la actividad teórico-práctica del hombre, crea los primeros elementos de una visión del mundo liberada de magia y brujería, y da paso al desarrollo de una concepción histórica, dialéctica del mundo, para comprender el movimiento y el transformarse, para valorar la suma de esfuerzos y sacrificios que ha costado el presente al pasado, para concebir la actualidad como síntesis del pasado, de todas las generaciones pasadas, y que se proyectan en el futuro”.⁷⁰

⁶⁹ “L’idea centrale, quale appare nei noti articoli di Gramsci, il programma de L’Ordine Nuovo dell’agosto de 1920, è disfare della rivista un centro di elaborazione e di chiarificazione dell’esperienza reale del movimento operario torinese. (...) per Gramsci, cio non poteva avvenire senza un’opera de educazione e di autoeducazione incessante della nasse che, nel fuoco dell’azione, do vevano transformassi selezionando dal próprio seno i quadri dirigenti, cioè gei “intelletuali socialisti” di tipo nuovo (...). L’Ordine Nuovo fu anche un’esperienza originale in un semo più specificamente formative, per il metodo di lavoro della redazione che era concepita come un centro di elaborazione culturale ad alto livello, cui aurebbero dovuto partecipare anche i lettori-collaboratori, dando vita ad un complesso organico de attività culturali, ensieme creativo-formative e diffusivo-educative”. Idem, p. 115.

⁷⁰ LOMBARDI, F. Op. cit., p. 74

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDREUCCI, F. A Difusão e a Vulgarização do Marxismo. In: HOBBSAWN, E. **História do marxismo**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992, vol. 2.
2. BUCCI-GLUCKSMAN, Christine. **Gramsci et L'État**. Pour une théorie matérialiste de la philosophie. Paris : Fayard, 1975.
3. DIAS, Edmundo Fernandes et al. **O Outro Gramsci**. 2ª ed. São Paulo : Xamã, 1996.
4. __, **Democracia Operária**. Vol. II. Campinas, Ed. UNICAMP, 1987. Tese de Doutorado.
5. DOMMANGET, Maurice. **Los grandes socialistas y la Educacion de Platón a Lenin**. Madrid : Fragua, 1972.
6. GRAMSCI, Antonio. **Cronache Torinesi**. (1913-1917). Roma : Einaudi, 1980. Organizado por Sergio Caprioglio
7. GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del Carcere**. Roma: Riuniti, 1975. Organizado por Valentino Gerratana.
8. __, **Antologia**, 12ª ed., Espanha, século XXI, 1992. Seleção, tradução e notas de Manuel Sacristan.
9. __, **La Formazione Dell'Uomo**. Roma: Riuniti, 1967. Textos pedagógicos organizados e escolhidos por G. Urbani.
10. __, **Obras Escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
11. __, **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1991.
12. __, **Scritti Politici**. Roma: Riuniti, 1967. Organizado e prefaciado por Paolo Spriano.
13. __, **Quaderni del Carcere**. 2ª ed. Torino: Einaudi, 1977. Edizione Critica dell' Instituto Gramsci. A cura de Valentino Gerratana.

-
14. GRAMSCI e BORDIGA, Amadeo. **Conselhos de Fábrica**. São Paulo : Brasiliense, 1981.
 15. GRISONI, Dominique e MAGGIORE, Robert. **Ler Gramsci**. Lisboa : Iniciativas Editoriais. 1974.
 16. JOLL, James. **As Idéias de Gramsci**. São Paulo : Cultrix, 1979.
 17. LIMOEIRO CARDOSO, Miriam. **Ideologia do desenvolvimento - Brasil: JK-JQ**. 2ª ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra. 1978.
 18. LOMBARDI, Franco. **Las Ideas pedagógicas de Gramsci**. Barcelona : A. Redondo editor. 1972.
 19. MARX, KARL e ENGELS, FRIEDRICH. **Crítica da Educação e do Ensino**. Lisboa : Morais, 1978.
 20. ROCACCI, G. (org.) **Stato e classe operaria in Italia durante la Prima Guerra Mondiale**. Milano : Franco Angeli, 1983.
 21. RAYNAUD et AMBAUVES. **L'Éducation Libertaire**. Paris : Spartacus, 1978.
 22. ROSSI, Pietro (org.) **Gramsci e la Cultura Contemporanea**. Roma : Riuniti, 1975.
 23. SALVATORELLI, Luigi. **Sommario della Storia d'Itália**. Roma : Riuniti, 1974.
 24. SARTI, Roland.. **Facismo y Burguesia Industrial: Itália, 1919-1940: un estudio sobre expansión del poder privado bayo el fascismo**. Barcelona: Fontanella, 1973.
 25. SPRIANO, Paolo. **Storia del Partido Comunista Italiano**. Da Bordiga a Gramsci. 2ª ed. Torino: Einaudi. 1972.
 26. ___, **Storia di Torino Operaia e Socialista. Da Amicis a Gramsci**. 4ª ed. Torino.
 27. STACCONE, Giuseppe. **Gramsci. 100 Anos de Revolução e Política**. 2ª ed. Petrópolis : Vozes. 1993.
 28. TOMASI, Tina. **Ideologie Libertarie e Formazione Umana**. Itália : Firenze, 1973.